

Gêneros Textuais:

Texto Artístico, Crônica

Certo milionário brasileiro foi traído pela esposa. Quis gritar, mas a infiel disse-lhe sem medo: - "Eu não amo você, nem você a mim. Não temos nenhum amor a trair". O marido baixou a cabeça. Doe-lhe, porém, o escândalo. Resolveu viajar para a China, certo de que a distância é o esquecimento. Primeiro, andou em Hong Kong. Um dia, apanhou o automóvel e correu como um louco. Foi parar quase na fronteira com a China. Desce e percorre, a pé, uma aldeia miserável. Viu, por toda a parte, as faces escavadas da fome. Até que entra na primeira porta. Tinha sede e queria beber. Olhou aquela miséria abjeta. E, súbito, vê surgir, como num milagre, uma menina linda, linda. Aquela beleza absurda, no meio de sordidez tamanha, parecia um delírio. O amor começou ali. Um amor que não tinha fim, nem princípio, que começara muito antes e continuaria muito depois. Não houve uma palavra entre os dois, nunca. Um não conhecia a língua do outro. Mas, pouco a pouco, o brasileiro foi percebendo esta verdade: - são as palavras que separam. Durou um ano o amor sem palavras. Os dois formavam um maravilhoso ser único. Até que, de repente, o brasileiro teve que voltar para o Brasil. Foi também um adeus sem palavras. Quando embarcou, ele a viu num junco que queria seguir o navio eternamente. Ele ficou muito tempo olhando. Depois não viu mais o junco. A menina não voltou. Morreu só, tão só. Passou de um silêncio a outro silêncio mais profundo.

(RODRIGUES, Nelson. *A cabra vadia: novas confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.)

1. O narrador de um conto assume determinados pontos de vista para conduzir o seu leitor a observar o mundo sob perspectivas diversificadas.

No conto de Nelson Rodrigues, a narrativa busca emocionar o leitor por meio do seguinte recurso:

- expressa diretamente o ponto de vista do personagem milionário
- expressa de maneira indireta o ponto de vista da personagem chinesa
- alterna o ponto de vista do personagem milionário com o do narrador
- alterna o ponto de vista do personagem milionário com o da personagem chinesa

Brasileiro, Homem do Amanhã

Há em nosso povo duas constantes que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo. Brasileiro até demais. Colunas da brasilidade, as duas colunas são: a capacidade de dar um jeito; a capacidade de adiar.

A primeira é ainda escassamente conhecida, e nada compreendida, no exterior; a segunda, no entanto, já anda bastante divulgada lá fora, sem que, direta ou sistematicamente, o corpo diplomático contribua para isso.

Aquilo que alguns autores ingleses diziam apenas por humorismo (nunca se fazer amanhã aquilo que se pode fazer depois de amanhã), não é no Brasil uma deliberada norma de conduta, uma diretriz fundamental. Não, é mais, é bem mais forte do que qualquer princípio da vontade: é

um instinto inelutável, uma força espontânea da estranha e surpreendente raça brasileira.

Para o brasileiro, os atos fundamentais da existência são: nascimento, reprodução, adiamento e morte (esta última, se possível, também protelada).

Adiamos em virtude dum verdadeiro e inevitável estímulo inibitório, do mesmo modo que protegemos os olhos com as mãos ao surgir na nossa frente um foco luminoso intenso. A coisa deu em reflexo condicionado: proposto qualquer problema a um brasileiro, ele reage de pronto com as palavras: logo à tarde, só à noite; amanhã; segunda-feira; depois do carnaval; no ano que vem.

Adiamos tudo: o bem e o mal, o bom e o mau, que não se confundem, mas tantas vezes se desparelham. Adiamos o trabalho, o encontro, o almoço, o telefonema, o dentista, o dentista nos adia, a conversa séria, o pagamento do imposto de renda, as férias, a reforma agrária, o seguro de vida, o exame médico, a visita e pêsames, o conserto do automóvel, o concerto de Beethoven, o túnel para Niterói, a festa de aniversário da criança, as relações com a China, tudo. Até o amor. Só a morte e a promissória são mais ou menos pontuais entre nós. Mesmo assim, há remédio para a promissória: o adiamento bi ou trimestral da reforma, uma instituição sacrossanta no Brasil.

O brasileiro adia; logo existe. A única palavra importante para ele é amanhã.

O resto eu adio para a semana que vem.

(Paulo Mendes Campos - Adaptação)

2. O autor revela-se um cidadão tipicamente brasileiro quando

- a) adia algo para a semana que vem.
- b) tem uma atitude inconsequente diante da vida.
- c) demonstra constante preocupação com o próprio bem-estar.
- d) evita assumir qualquer tipo de responsabilidade no dia.
- e) aconselha o adiantamento indiscriminado como solução para a maioria dos problemas.

O autor do texto abaixo critica, ainda que em linguagem metafórica, a sociedade contemporânea em relação aos seus hábitos alimentares.

"Vocês que têm mais de 15 anos, se lembram quando a gente comprava leite em garrafa, na leiteira da esquina? (...)

Mas vocês não se lembram de nada, pô? Vai ver nem sabem o que é vaca. Nem o que é leite. Estou falando isso porque agora mesmo peguei um pacote de leite - leite em pacote, imagina, Tereza! - na porta dos fundos e estava escrito que é pasterizado, ou pasteurizado, sei lá, tem vitamina, é garantido pela embromatologia, foi enriquecido e o escambau.

Será que isso é mesmo leite? No dicionário diz que leite é outra coisa: 'Líquido branco, contendo água, proteína, açúcar e sais minerais'. Um alimento pra ninguém botar defeito. O ser humano o usa há mais de 5.000 anos. É o único alimento só alimento. A carne serve pro animal andar, a fruta serve pra fazer outra fruta, o ovo serve pra fazer outra galinha (...) O leite é só leite. Ou toma ou bota fora.

Esse aqui examinando bem, é só pra botar fora. Tem chumbo, tem benzina, tem mais água do que leite, tem serragem, sou capaz de jurar que nem vaca tem por trás desse negócio.

Depois o pessoal ainda acha estranho que os meninos não gostem de leite. Mas, como não gostam? Não gostam como? Nunca tomaram! Múúúúúú!"

(FERNANDES, Millôr. O Estado de S. Paulo, 22 de agosto de 1999)

3. A crítica do autor é dirigida:

- a) ao desconhecimento, pelas novas gerações, da importância do leiteiro para a economia nacional.
- b) à diminuição da produção de leite após o desenvolvimento de tecnologias que têm substituído os produtos naturais por produtos artificiais.
- c) à artificialização abusiva de alimentos tradicionais, com perda de critério para julgar sua qualidade e sabor.
- d) permanência de hábitos alimentares a partir da revolução agrícola e da domesticação de animais iniciada há 5.000 anos.
- e) à importância dada ao pacote de leite para a conservação de um produto perecível e que necessita de aperfeiçoamento tecnológico.

4. A palavra *embromatologia* usada pelo autor é:

- a) um termo científico que significa estudo dos bromatos.
- b) uma composição do termo de gíria "embromação" (enganação) com bromatologia, que é o estudo dos alimentos.
- c) uma junção do termo de gíria "embromação" (enganação) com lactologia, que é o estudo das embalagens para leite.
- d) um neologismo da química orgânica que significa a técnica de retirar bromatos dos laticínios.
- e) uma corruptela de termo da agropecuária que significa a ordenha mecânica.

Miguilim

"De repente lá vinha um homem a cavalo. Eram dois. Um senhor de fora, o claro de roupa. Miguilim saudou, pedindo a bênção. O homem trouxe o cavalo cá bem junto. Ele era de óculos, corado, alto, com um chapéu diferente, mesmo.

- Deus te abençoe, pequenino. Como é teu nome?

- Miguilim. Eu sou irmão do Dito.

- E o seu irmão Dito é o dono daqui?

- Não, meu senhor. O Ditinho está em glória.

O homem esbarrava o avanço do cavalo, que era zelado, manteúdo, formoso como nenhum outro.

Redizia:

- Ah, não sabia, não. Deus o tenha em sua guarda... Mas que é que há, Miguilim?

Miguilim queria ver se o homem estava mesmo sorrindo para ele, por isso é que o encarava.

- Por que você aperta os olhos assim? Você não é limpo de vista? Vamos até lá. Quem é que está em tua casa?

- É Mãe, e os meninos...

Estava Mãe, estava tio Terez, estavam todos. O senhor alto e claro se apeou. O outro, que vinha com ele, era um camarada. O senhor perguntava à Mãe muitas coisas do Miguilim. Depois perguntava a ele mesmo: - 'Miguilim, espia daí: quantos dedos da minha mão você está enxergando? E agora?'

(ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.)

5. Esta história, com narrador observador em terceira pessoa, apresenta os acontecimentos da perspectiva de Miguilim. O fato de o ponto de vista do narrador ter Miguilim como referência, inclusive espacial, fica explicitado em:

- a) "O homem trouxe o cavalo cá bem junto."
- b) "Ele era de óculos, corado, alto (...)"
- c) "O homem esbarrava o avanço do cavalo, (...)"
- d) "Miguilim queria ver se o homem estava mesmo sorrindo para ele, (...)"
- e) "Estava Mãe, estava tio Terez, estavam todos"

Soneto de fidelidade

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

(Vinicius de Moraes)

Por enquanto

Mudaram as estações
Nada mudou
Mas eu sei que alguma coisa aconteceu
Tá tudo assim, tão diferente
Se lembra quando a gente
Chegou um dia a acreditar
Que tudo era pra sempre
Sem saber
Que o pra sempre
Sempre acaba.

(Renato Russo)

6. Em "Por enquanto", Renato Russo diz que "... o pra sempre/sempre acaba". Essa ideia, no poema de Vinicius de Moraes, aparece no seguinte verso:

- a) "Mas que seja infinito enquanto dure".
- b) "Quero vivê-lo em cada vão momento".
- c) "Quem sabe a morte, angústia de quem vive".
- d) "Quem sabe a solidão, fim de que ama".
- e) "Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto".

MULHER AO ESPELHO

Hoje, que seja esta ou aquela,
pouco me importa.
Quero apenas parecer bela,
pois, seja qual for, estou morta.

Já fui loura, já fui morena,
já fui Margarida e Beatriz.
Já fui Maria e Madalena.
Só não pude ser como quis.

Que mal faz, esta cor fingida
do meu cabelo, e do meu rosto,
se tudo é tinta: o mundo, a vida,
o contentamento, o desgosto?

Por fora, serei como queira
a moda, que me vai matando.
Que me levem pele e caveira
ao nada, não me importa quando.

Mas quem viu, tão dilacerados,
olhos, braços e sonhos seus,
e morreu pelos seus pecados,
falará com Deus.

Falará, coberta de luzes,
do alto penteado ao rubro artelho.
Porque uns expiram sobre cruces,
outros, buscando-se no espelho.

(MEIRELES, Cecília. *Poesias Completa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.)

7. O uso de palavras e expressões cotidianas, neste texto, é carregado de sentido simbólico.

a) Uma expressão utilizada no poema possui um sentido correspondente ao da expressão "da cabeça aos pés". Retire-a do texto.

b) Na 3ª estrofe, o substantivo "tinta" se refere a uma expressão que o antecede. Transcreva essa expressão e indique a conotação que o substantivo "tinta" adquire no texto.

Na planície avermelhada, os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala.

(Graciliano Ramo, *Vidas secas*)

8. Tendo em vista a relação, neste texto, entre o vocabulário e os efeitos de sentido, é INCORRETO afirmar que

- a) o adjetivo "avermelhada" retrata o rigor do clima.
- b) "rio seco", "galhos pelados", "caatinga rala" caracterizam um espaço hostil aos viajantes.
- c) as palavras empregadas pelo narrador reproduzem as das personagens.
- d) os nomes dos viajantes substituem-se por um adjetivo substantivado - "os infelizes".
- e) a expressão "o dia inteiro" equivale a "todo o dia".

"Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. ELE, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos - e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera(...).

- Fabiano, VOCÊ é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era um homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. (...) Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, ALGUÉM tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

- Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho capaz de vencer dificuldades".

9. Assinale a alternativa que interpreta incorretamente o trecho anterior:

- a) Fabiano mostra-se orgulhoso por ter conseguido livrar a família da miséria absoluta
- b) as lembranças do passado enchem de beleza e ternura a vida de Fabiano
- c) no trecho citado, o autor se refere ao processo de desumanização ao qual os retirantes nordestinos são submetidos, comparando-os a animais
- d) depois de muito sofrimento, Fabiano e sua família conseguem se instalar em uma pequena propriedade rural
- e) nesse trecho, evidencia-se que Fabiano e sua família são retirantes da seca

"Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sorriam-se e viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim entenderam-se, voando o mais em ímpeto de nau tangida pelo vento. Mas, tudo tendo que ser secreto, claro, coberto de sete capas."

(Guimarães Rosa)

- 10.** Quanto às relações de sentido, sobre o Texto, assinale a alternativa incorreta.
- a) secreto pode ser substituído por oculto.
 - b) pegou o amor é uma expressão conotativa, dando ao sentimento um caráter epidêmico.
 - c) o termo ímpeto pode ser substituído por força.
 - d) olhos de viva mosca significa olhar inquieto e inconstante.
 - e) sete capas é uma expressão denotativa e significa ao abrigo das intempéries.

Gabarito

1. C
2. A
3. C
4. B
5. A

O advérbio “cá” aproxima o narrador da perspectiva de Miguilim, como se narrador e personagem percebessem a aproximação do cavalo no mesmo plano espacial. Ao contrário do que é mencionado no enunciado, o narrador é onisciente, pois tem acesso ao mundo interior do personagem, percebendo seus sentimentos e emoções.

6. A

7. a) do alto penteado ao rubro artelho
b) cor fingida

Associa-se à ideia de falsidade, aparência ou superficialidade

8. C

9. B

10. E